

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse  
Rua de Paio Galvão

# O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## República e republicanos

Há aí uma confusão que os republicanos insistem em manter e que por uma vez deve acabar.

Entendem eles que combater os governos ou as leis por eles publicadas é combater a república. Ora isto não é verdade.

A nação, na sua grande maioria, é indiferente à forma republicana, não lhe repugna que ela fique a vigorar. Com o que não concorda é com a orientação que os governos, a começar pelo provisório, teem seguido, nem com a maior parte das leis que teem sido promulgadas, dentro do novo regimen. Os republicanos, porém, — não sei porquê — todos se empenham em manter aquela perniciososa confusão. Forcejam por nos persuadir que há uma perfeita consubstanciação dos governos e das suas leis com a república; de modo que quem não concordar com a política e legislação seguidas até hoje, é considerado inimigo do regimen estabelecido. Estão ali os governos ideais, as leis mais perfeitas que se podem imaginar. E nós, bom ou mau grado nosso, havemos de concordar, ainda que tenhamos voto na matéria e direito a emitir a nossa opinião! Ora isto é uma tirania que se não pode tolerar e que nós de modo nenhum toleraremos.

Ninguém nos poderia criminalizar, com razão, se nós tomássemos a resolução de combater a forma republicana. É uma forma de governo, cuja preexcelência sobre a monarquia ainda não está decidida absoluta e peremptoriamente, nem o estará jamais.

Nada vale resolver especulativamente esta questão velha e relha de formas de governo. Na prática é que se pode ver qual delas será a mais vantajosa para uma determinada nação. A nós a experimentação tem-nos custado caro e foi uma completa decepção. Sucedeu-nos como ao doente crónico que se fia do primeiro charlatão que lhe aparece, e que, usando os seus apregoados e miríficos elixires, não faz senão agravar e complicar a doença.

Mas, acatando a forma republicana, de modo algum prescindimos do nosso direito de crítica. Somos portugueses e cidadãos e amamos a nossa terra tanto — tanto? muito mais do que esses republicanos de vista oblíqua que nos olham com suspeição. Somos verdadeira e sinceramente patriotas, embora os chamados democratas se arroguem jactanciosamente o exclusivo do patriotismo — em palavras; e por isso não cedemos do direito que nos assiste de influir, tanto quanto nos seja possível, na marcha dos negócios públicos.

Não concordamos — dizemo-lo bem alto — com os processos de governo adoptados desde 5 de Outubro, nem com a obra legislativa na sua maior parte, elaborada desde então.

Dirão que assim combatemos a república. Pouco nos importa isso.

Nós continuaremos a fazer distinção entre forma de governo e formação de governos, entre as instituições e os homens que as servem, entre o regimen estabelecido e as leis que promulga.

Com as instituições republicanas concorda sem grande repugnância a maioria da nação; com o que, porém, ela não concorda — nem há meio de a obrigar a concordar — é com o ateísmo oficial, com a completa secularização da vida pública, com a opressão cruel da Igreja, com o rompimento abrupto e funesto das nossas tradições históricas. Por isso os republicanos, que nos ataques aos governos e à sua obra, pretendem ver ataques à república,

estão fazendo um grande mal às instituições que dizem servir; em lugar de as tornar respeitadas e respeitáveis, tornam-nas odiosas e antipáticas.

Em todos os estados modernos há liberdade de fazer opposição ao governo, ainda mesmo que essa opposição seja violenta e não obedeça a processos muito correctos. Só os nossos *juvenes-turcos*, os D. Quixotes da liberdade, é que teem a tóla pretensão de considerar o governo revestido de carácter sagrado e inviolável. Não, esta doutrina não há de vingar; condena-a terminantemente o moderno direito constitucional.

Nós aceitamos a república com a condição de nos reconhecerem insofismavelmente o direito de criticar os governos e os homens que a sirvam. Mas, se forem tam nescios que teimem em sustentar a confusão, nós sabemos muito bem o que havemos de fazer.

Com violências podem vencer-nos; nunca porém convencer-nos.

Como escravos não sofreremos que nos tratem. Os nossos direitos havemos de os fazer valer, custe o que custar.

P. A.

## Carta

A memória do falecido  
A. L. de Carvalho

Querido Morto:

Desperta um pouco do sono profundo, do sono da morte em que jazes, e escuta a voz amiga que te vai falar.

Tu foste um moço audaz e destemido nas lutas em defesa do ideal republicano, nesta linda terra de Portugal. Sempre nobre, sempre superior em todos os ataques, tu eras respeitado por todos os adversários.

Um dia, lá partiste para o Congresso Demagógico de Braga, aí por alturas do mês de Abril de 1912, e nessa reunião foste acometido dum ataque que te deixou às portas da morte. Em estado verdadeiramente comatoso estiveste, até que neste frio mês de Janeiro, ao subir ao poder o gabinete Afonso Costa, tu, moribundo já, ao noticiars a sua ascensão, caíste para o lado morto, irremediavelmente... morto.

A tua agonia durou pois, de Abril do ano findo ao mês de Janeiro em que estamos. Estás morto.

Pois bem. Peço-te que lá da campa em que te conservas, despertes um pouco e me oiças. A



José Luis de Pina

No cumprimento, de um dever sagrado, como vimaranenses que somos, solenizamos hoje o feliz 39.º aniversário natalício do nosso illustre conterrâneo Sr. José Luis de Pina, uma das mais lídimas glórias desta terra que teve a honra de lhe ser bêrço, e um dos que mais tem trabalhado pelo seu lustre e engrandecimento, que passou no dia 29 do mês findo.

O nome do grande benemérito é sobejamente conhecido aquê e além muros, como conhecida é a sua simpática e atractiva figura; e nós, apresentando o seu retrato, não fazemos mais do que lembrar o dia do seu aniversário, um dia de glória para êle e de infinda alegria para os seus amigos que são todos os que o conhecem.

Que nos perdoe a modéstia do nosso querido conterrâneo e amigo êste impulso do coração e receba as nossas mais ardentes e sinceras felicitações.

A *Academia Vimaranesse*, querendo manifestar ao seu muito digno Reitor o alto aprêço e consideração em que o tem, promoveu um Sarau Dramático-Musical para o qual foram convidadas as mais gradas famílias desta terra e que se apressaram a tornar deslumbrante, com a sua presença, esta modesta mas significativa homenagem que do coração lhe foi prestada pelos estudantes do nosso Liceu.

Correu animadíssima esta simpática festa, que bem traduz os elevados sentimentos dêsse punhado de rapazes que tem por Reitor tam inteligente e bondoso homem como é José de Pina.

agonia desmemoriou-te. Quero lembrar-te umas coisas, revelar-te outras. Quero fazer-te recordar os bons tempos de camaradagem partidária, em que nós, cheios de fé, sonhávamos um futuro grandioso para a nossa Pátria, libertada dum regimen gasto, e transformada num regimen novo em que os homens chamados ao poder fôsem criaturas honestas, honradas, tolerantes e humanas, generosas e moralmente grandes, de sorte que a nossa Pátria, guiada por êsses homens, se fôsse tornando pouco a pouco, nos seus costumes e na sua mentalidade, uma Pátria progressiva e modelar... Recordar-te há de tudo isso que sonhávamos e ambicionávamos, quando mais não fôsse, para os nossos netos?

Recordas-te depois dos primeiros dias da República triunfante, em que os ambiciosos do mando, te empurravam para longe, não

fôsses tu empanar-lhes o brilho, com o teu passado de nobreza e de coragem cívica?

Recordas-te dos processos usados por êsses homens, infamando-te, insultando-te, abocanhando-te?

Algum dia, nos tempos da nossa camaradagem partidária, pensaste em que assim serias tratado? Algum dia pensaste em que, triunfante a nossa causa, os homens honestos que por êsse ideal se sacrificaram seriam vilipendiados de tal maneira?

Algum dia pensaste, em que o semanário que fundaste seria o órgão dessa camarilha demagógica, camarilha que só pelo insulto nos transmite o que pensa, que só pelo enxovalho demonstra a sua acção?

Algum dia pensaste querido morto, em que os homens que na opposição tu convidaste a lutar pela República, e te fugiram, se-riam os primeiros a colocar-se à

tuva frente, arredando-te e consentindo que fosses insultado?

Recordar-te hás daquela célebre ocasião, em que tu, contando com o auxílio do dr. Eduardo de Almeida para a defesa dos princípios republicanos no teu jornal, éle, na véspera da saída do jornal, se retirou para Lisboa, onde recebeu um grande abraço de João Franco e mandou dizer para Guimarães coisas desagradáveis para os homens da República Afonso Costa e Bernardino Machado?

E recordas-te de quem veio da Povoia de Varzim, de automóvel, a tomar de assalto a administração do Concelho de Guimarães logo que a República se proclamou?

E recordas-te dos motivos que te levaram a recusares a cadeira de vereador municipal, apesar das repetidas instâncias do Governador Civil?

E recordas-te do telegrama que nessa altura enviaste ao dito Chefe do Distrito?

E recordas-te dos processos usados pelos teus inimigos, nessa ocasião, para te afastarem da própria comissão municipal política de Guimarães?

Recordas-te do que foi essa eleição?

Não julgues que te dizemos isto para que queiras mal a essas boas pessoas que assim tam lialmente te trataram. Não.

Queremos acentuar simplesmente que, de indivíduos que tais processos usam, manda o decôr e a própria dignidade individual que nos afastemos.

E tu, meu querido morto, se fosses vivo, estou certo que não poderias acompanhar, em acção nenhuma, quem tam deslialmente procedeu. Os homens valem pelos seus actos, pelos seus méritos. E os homens que te insultaram, ficaram definidos para sempre, como incapazes de se lhe estender a mão. Mas tu, morto como estás, livre estás de os encontrares. Descança. Eu quero agora que tu oigas o que por cá vai, á data em que te escrevo.

Recordas-te do Alfredo Pimenta, daquele teu correligionário antigo, que tinhas sempre ao teu lado, tanto em congressos partidários, como em artigos para os teus jornais, como em conselhos para a tua acção?

Por certo nunca o tiveste como traidor á causa republicana, não é verdade?

Pois sabes qual foi o primeiro acto de perseguição do governo democrático, aos funcionários da Nação Republicana?

Foi a exoneração, pura e simples, daquele teu antigo companheiro de lutas! E sabes porque?

Porque esse teu amigo velho, com uma coragem ainda até hoje não vista na imprensa, destruiu, friamente, positivamente, sem retóricas, e com o próprio orçamento nas mãos, as declarações ócas do actual ministro das Finanças.

Horrível crime, o de dizer em público, a descoberto como ninguém o fez ainda, que o ministro das finanças tinha *falado* de mais, sem ter *feito* obra de valor no orçamento.

E sabes tu quem aplaudiu, de mãos e pés juntos, o acto do governo demagógico, demitindo o Alfredo Pimenta? Quem havia de ser? O *Mundo*.

Conheces o *Mundo*? Recordas-te ainda do que éle te fez há anos?

Lembras-te daquela correspondência que para lá mandaste, em que com justiça, a propósito do incêndio havido no Asilo de Santa Estefânia, tu louvavas as irmãs da Caridade, e que lá no *Mundo* se recusaram a publicar, só por que tu davas as honras a quem de direito pertenciam?

E lembras-te das palavras que então tiveste para com esse jornal de Lisboa?

Pois é essa gazeta que bate palmas com a exoneração dada ao Alfredo Pimenta. E tam satisfeito

anda com esse acto de pura perseguição, de requintada cobardia, que já noticiou a exoneração, por duas vezes.

Quem havia de dizer, querido morto, que a primeira vítima do rancor demagógico, da intolerância, do reaccionarismo democrático, seria quem sempre pela República deu o seu maior esforço?

E sabes como o *Mundo* chama a esse acto?

Um acto de moralidade!

E sabes que lugar era o do Dr. Pimenta?

Era na Assistência Nacional, único lugar que éle possuía, e do qual recebia o preciso para se alimentar e aos seus filhos!

E sabes a situação em que se encontra o Dr. Eduardo de Almeida, aquele que naquela sexta feira célebre, te deixou ficar sózinho e se foi até Lisboa receber abraços do João Franco?

Pois fica sabendo que esse senhor, que é correligionário do *Mundo*, é deputado, secretário da câmara dos Deputados e director do Internato Municipal de Guimarães.

Não sabemos se vence ordenados destes lugares; mas o certo é que não se pode dirigir um internato em Guimarães, vivendo em Lisboa a secretariat a câmara dos Deputados.

O *Mundo* e os seus amigos, que são os pais da moralidade em Portugal, devem estar radiantes com esta situação.

Já tu ficas sabendo como as coisas por cá vão.

Quefes saber outra novidade?

Sabes quem agora colabora em artigos políticos no semanário que fundaste?

O Alfredo Guimarães, esse menino que á sombra da amizade que o senhor seu pai tem com o Sr. Campos Henriques, gosa há anos dum lugar no Ministério da Justiça.

Pois esse senhor, agora, diz coisas no jornal que fundaste.

Atira-se aos republicanos que convidam os cidadãos portugueses a abraçar a República, e dizendo-se éle criatura democrática, não repara que é esse o único caminho que todos os partidos teem a seguir.

Diz esse fulano, que essa *recrutagem*, a dar-se, *envenenaria* a República. E não vê o cego que se há partido em que tenham tido ingresso criaturas envenenadas é precisamente o partido a que preside o sr. Afonso Costa.

O padre Domingos de Cabeceiras (aquele que tu, meu querido morto, abraças-te em Braga no tal Congresso), o sr. Macieira, etc., e cá por Guimarães, desde o sr. Dr. Miguel Tobim e sr. Penaforte até aos mais berradores sócios do Centro da Porta da Vila, donde vieram esses senhores?

Sim, donde vieram, senão das fileiras que o sr. Alfredo Guimarães reputa envenenadoras?

E o próprio sr. Alfredo Guimarães, donde vem?

E o sr. Serafim Rodrigues donde vem?

E outros correligionários do sr. Guimarães donde vem?

E todavia, nós somos incapazes, como tu o serias se fosses vivo, de dizer que essas adesões envenenam a República. Já vês pois, querido morto, que isto por cá vai mal.

O jornal que criaste está a desonrar-te as cinzas. Perdôa-lhe.

Ele afinal não é culpado do que lá escrevem os correligionários do Padre Domingos.

E agora reparo, que foi esse abraço que te matou.

O Padre Domingos inoculou-te o veneno, a subida ao poder do sr. Rodrigo Rodrigues, deu-te a última facada.

Queres saber, para terminar por hoje, um pormenor curioso?

Os que escrevem no jornal que fundaste dizem que não respondem a quem quer que seja que

dêste lugar, donde te escrevo, se lhes dirija.

E' um comodo processo de defesa, não resta dúvida.

Como são incapazes de provar que nós somos injustos, calam-se, e quem cala, consente.

Adeus querido morto.

Do que fôr ocorrendo, dar-te hei nota.

30 | 1 | 13.

Siemka Junior.

## Empregados de Comércio de Guimarães

Sr. director:

Em vista da sensível falta do valente defensor da nossa classe (Empregados de Comércio) que no Pôrto se publicava, com o titulo de *O Caixeiro do Norte*, permita-me V... que no seu muito conceituado jornal eu dê conhecimento ao público e á classe dum facto sucedido em 26 do corrente na nossa Associação, se V... julgar dignas de serem publicadas estas despreziosas linhas que, aos poucos, vou rabisando sobre um simples saco de arroz que me serve de escrivania.

Não é primorosa a minha linguagem, sr. director, porque mais não pode dar um caixeiro, creado entre o balcão e a estante, tendo por livros de estudo uma tóscas costaneira de assentos e por material escolar as balanças e os pêsos, e porisso perdoe V... e que os seus bondosísimos leitores perdoem também a quem nunca escreveu para jornais.

O facto que vou relatar passou-se em 26 de Janeiro, na Associação de Classe dos Empregados de Comércio desta cidade, e dentre os vários interpretes, pois teve bastantes com papeis divertidos, uns simpáticos e outros irritantes, destacam-se dois protogonistas, um pela elevação dos seus sentimentos, pela firmeza do seu carácter, pela honradez do seu nome impoluto e pela sua sincera e lial camaradagem, e outro pela tacanhez do seu espirito, pela arrogância da sua nulidade, e pela sua falta de senso, de critério e de educação.

O primeiro é o meu querido amigo Armando Umberto Gonçalves, rapaz geralmente estimado pela classe a que pertence e por todas as pessoas que o conhecem, e o outro é um pequeno bonifrate que aí existe, um rapazola grutesco, cujo nome não escrevo porque iria manchar as columnas do seu muito acreditado jornal.

O facto é o seguinte: No passado domingo reuniu a Assembleia geral da Associação de Classe dos Empregados de Comércio para verificar, discutir e votar as contas da gerência finda.

A certa altura tomou a palavra o tal bonifrate e entra a paltar por ali fora fazendo o elogio da direcção a que pertenceu e atacando a cessante porque, no seu entender, esta não fez nada em prol da Associação, mas fá-lo tam desastrosamente, dum forma tam baixa e tam insultuosa que muitos dos seus próprios amigos, que ali se encontravam, voltaram a cara com desgosto.

Convem que a classe, aquela que se conserva alheia aos acontecimentos associativos, saiba o que fez e o que obrigaram a deixar de fazer a direcção que terminou o seu mandato.

A direcção, presidida pelo sr. Armando Gonçalves, quando tomou posse da gerência da Associação ia animada dos melhores desejos de fazer progredir esta, mas indivíduos mal intencionados, no intuito de a prejudicar nas suas iniciativas e de meterem na Associação o facciosismo político dominante, tais coisas fizeram, tais artimanhas puzeram em prática que obrigaram três muito dignos sócios honorários a exigirem que lhes retirassem os retra-

tos da galeria e muitos sócios activos a pedirem a demissão enjoados e aborrecidos com tamanha pouca vergonha.

Toda a gente se recorda ainda do que foi a questão da inutilização do retrato de João Franco na Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães e porisso será fastidioso recordar um acto tam revoltante, de tam requintada selvajaria, uma tam refinada garotice.

E' claro que com tal inicio a direcção deixou-se avassalar pelo desânimo e perdeu aquela vontade que tinha de fazer progredir a Associação, o que não quer dizer que diminuisse o amor que lhe tinha, e tanto assim que os factos demonstram-nos que ela trabalhou, mas trabalhou a valer para a sustentar, e é devido á sua boa vontade e aos seus denodados esforços que ela se encontra ainda de pé, porque do contrário há muito já que teria caído desastrosamente.

A direcção herdou da gerência passada á Associação com 49 sócios que dão uma receita de 9:800 réis mensais, que se eleva a 11:000 réis com o rendimento dos jogos.

Pague-se com isto 13:200 réis mensais de renda de casa, 1:500 ao empregado, 1:200 de luz, réis 35:000 de contribuição nesse ano o que dá uma despesa obrigatória a que não pode fugir-se de 18:900 réis; junte-se lhe a despesa de expediente e outras extraordinárias e veja-se para onde a Associação teria ido se não houvesse da parte da direcção um fino tacto administrativo e uma boa vontade de conservar aquella casa que tantos sacrificios custou.

Evidentemente a direcção a que presidiu o sr. Armando Umberto Gonçalves foi dotada de uma grande força de vontade, e se mais não fez, pois apesar da desigualdade entre a receita e a despesa, deixou um saldo, pequeno sim, de 50 réis, mas deixou um saldo, e porque a não deixaram trabalhar, é porque logo desde principio lhe tolheram os movimentos promovendo, uns discólos sem nome e sem prestígio, a cisânia entre os sócios só para a malquistarem.

E' necessário que a classe saiba isto e é necessário que o público o saiba também para poderem dar o devido valor ao *pigneu*, ao garotete que teve a audácia de atacar dum forma covarde e infame um cidadão honesto que gosa da estima e consideração de toda a gente.

E, sr. director, como não devo roubar-lhe espaço de que V... precisa para satisfação dos seus numerosos leitores, permita que lhe peça a publicação dos officios que seguem, que corroboram o que desataviadamente pretendi dizer e que me subscreva,

De V... etc.

Um caixeiro.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Confirmando o meu officio de 26 do corrente em que pedia a demissão do cargo de Presidente da assembleia geral para que fui eleito em reunião da assembleia geral desta associação de 29 de Dezembro último, venho manifestar a V. Ex.<sup>a</sup> o profundo desgosto de que me acho possuído pela forma tumultuosa como decorreu a reunião da assembleia geral de 26 do corrente, devido á forma incorrecta, grosseira e insultuosa como um orador se houve durante a parlenda que exhibiu, sem que V. Ex.<sup>a</sup>, como lhe cumpria, fizesse manter o prestígio da associação e o respeito devido a todos os sócios.

Devo mais declarar a V. Ex.<sup>a</sup> com toda a lealdade, que visto os elementos demolidores de uma casa que tanto custou a criar e para a manutenção da qual tantos e tam grandes dissabores se teem sofrido, terem entrado no cami-

nho dos insultos e dos enxovalhos pondo bem em evidência a sua ausência de educação e de civismo para patentearem sómente o desejo de verem satisfeitos mesquinhos e inconfessáveis interesses de política faciosa, custe o que custar, resolvi, com bastante pesar, confesso, porque tinha em grande apreço essa associação, não só confirmar o pedido de demissão já solicitado, mas ainda não voltar á essa casa, enquanto que nela não reinar a ordem e a tranquillidade que os discólos teem perturbado e enquanto que o prestígio da mesma e o respeito individual não fôr garantido por quem tem o dever de o fazer.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 31 de Janeiro de 1913.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Empregados de Comércio de Guimarães.

(a) *Armando Umberto Gonçalves*.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Não podendo de forma alguma conformar-me com a atitude tomada por um orador que fez uso da palavra na reunião da assembleia geral dessa associação, realizada em 26 do corrente, em que injustamente foi agredido com palavras insultuosas um nosso consócio que devia ser tratado com o respeito que todo o homem de bem deve aos seus concidadãos, sirva-se receber a minha demissão do cargo de 1.<sup>o</sup> secretário da mesa da assembleia geral para que fui eleito em reunião da assembleia geral de 29 de Dezembro passado.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 31 de Janeiro de 1913.

Ex.<sup>mo</sup> Presidente da mesa da Assembleia geral da Associação de Classe dos Empregados de Comércio.

De V.

(a) *Gonçalo Ferreira Paúl*.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Sendo a Paz e a Ordem as bases indispensáveis para a vitalidade de qualquer agremiação e como vejo que estas duas virtudes batem em retirada da nossa Associação para darem lugar á desordem e á intranquillidade trazidas por elementos que me abstenho de mencionar e tendo-se já sentido por mais dumavez os efeitos de tais elementos e últimamente, de uma forma bem frisante, na reunião da Assembleia Geral de 26 do corrente, em que um nosso consócio foi injusta e covardemente insultado sem que V. Ex.<sup>a</sup> se dignasse ou tivesse forças para obstar á essa indignidade, venho participar a V. Ex.<sup>a</sup> que não aceito o cargo de 2.<sup>o</sup> secretário da mesa da assembleia geral para que fui eleito na reunião da assembleia geral de 29 de Dezembro próximo passado.

Saude e fraternidade.

Guimarães, 31 de Janeiro de 1913.

Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Assembleia Geral da Associação de Classe dos Empregados do Comércio.

*António F. de Melo Guimarães*

## Teatro Salão Artístico

Domingo 2 e terça feira 4 de Fevereiro de 1913.

Grande troupe carnavalesca.

Apresentar-se hão, pela primeira vez nesta casa de espectáculos, *Carrancas* diabólicas de transformação.

Lindos e engraçados grupos dançantes e rancho de tricanas.

Pela segunda vez nesta cidade a apresentação dos célebres cómicos *Dois Irmãos Moréno*s, os quais apresentarão trabalhos de grande novidade e perfeito ilusionismo.

Prémio ao grupo que melhor se apresentar.

## Carta do Pôrto

Por ROLANDO PERFEITO

28-1-1913.

Governador civil do Pôrto

O sr. Cerveira de Albuquerque, nomeado pelo governo para a chefia do distrito do Pôrto, chegou efectivamente, consoante fôra preannunciado, a esta cidade pelas 2,45 horas do domingo, no rápido de Lisboa.

Diversas corporações políticas do partido afonsista português ou democrático, se quiserem admitir a antítese do termo, no seu sentido real, e que vinham trabalhando incansavelmente, para que a recepção ao sr. Albuquerque fôsse revestida de grandioso aparato, compareceram na gare de S. Bento com os seus respectivos estandartes. Esta foi a única nota de pitoresco que o carnaval teve este ano, no domingo-magro, o que não foi mau de todo, para que elle, esse velho carnaval doutros tempos cuja lama foi varrida pelo sol da civilização, não passasse inteiramente despercebido da população portuense.

Esta notícia, segundo creio, pouco poderá interessar-lhes. E se eu a dou, é para lhes manifestar o meu espanto ante os relatos de certa imprensa do Pôrto que atribue a esta manifestação proporções grandiosíssimas, quando ela foi, em relação à pessoa de quem se tratava, sob o ponto de vista representativo, é claro, duma pobreza assaz expressiva, já pela coerência do entusiasmo, já pelo número e qualidade dos manifestantes. Acidentalmente, testemunhei o espectáculo, que foi duma mesquinhez edificante e não sei se deverei mesmo dizer condigna.

Algumas das corporações políticas a que acima me refiro, não teem nenhum prestigio entre as camadas sociais que representam as forças vivas do Pôrto. E a sua influencia afirma-se unicamente quando se trata de promover artuacões tendentes a enxovalhar personalidades que lhes sejam hostis ou desafectas. E' por estas razões que as suas iniciativas, os seus convites e os seus apêlos não são correspondidos pela gente de bom senso, suficientemente culta e educada, para não colaborar em especulações políticas exercidas encapotadamente, sob a máscara duma significação e objectivo aparente.

A manifestação de domingo se em alguma coisa se tornou notável foi no aparato das correrias desordenadas atrás do carro do sr. governador civil, em direcção à sede do governo do distrito. Garanto-lhes que ela, ao contrário do que afirma a imprensa idolatra afecta ao afonsismo, não teve nem imponência, nem entusiasmo, nem delirio, e, o que é pior e o mais característico, a compostura e urbanidade que são as notas indispensáveis duma manifestação política, quando praticada por pessoas de boa educação e de bom siso.

A imprensa que falseia torpemente a sua missão, que não pode compreender pela baixeza dos seus sentimentos, dos seus impulsos e do seu carácter a grandeza sublime do sacerdotio que ela deveria representar, essa imprensa de charlatães onde todas as torpezas se tramam,—quando se trata de especular por espirito dum partidario estreito, em favor duma corrente política sem prestigio na opinião e que vive dos grandes apatatos e dos truques e expedientes retumbantes, mente insolentemente com uma escandalosa falta de escrúpulos que só é igualada pela desvergonha e pelo impudor dos seus arreganhos ao morder a reputação alheia. Isto ficou evidentemente demonstrado com a manifestação

de domingo; e se eu friso este facto é para que não se mitta impunemente com tanto desaloro e imprudência e a Província conheça a verdade dos factos, sem a facciosa deturpação dos charlatães do jornalismo, pelo relato fiel e rigoroso das testemunhas leais e independentes.

### Centro Evolucionista do Pôrto

Os associados deste centro, reuniram pela primeira vez em assembleia geral, em grande numero, domingo último, para a nomeação provisória da comissão municipal e juntas parquiais que foram aprovadas por aclamação, na segunda parte dos trabalhos, e que ficaram constituídas de valiosos elementos. Presidiu o sr. dr. Júlio de Freire que tem sido infatigável nos trabalhos de organização partidária do evolucionismo.

O nosso amigo sr. Victorino Henrique Coimbra, a quem pertence a iniciativa da fundação deste Centro, expoz à assembleia o que se tinha passado na reunião da Câmara Municipal convocada para deliberar sobre as festas em honra do chefe do estado na sua próxima visita ao Pôrto e cortejo ao monumento dos vencidos de 31 de Janeiro, no Prado do Repouso.

Em face da sua exposição e das considerações feitas pelo sr. dr. Júlio Freire que também participou nessa reunião, onde a sua voz se fez ouvir em resposta aos desvarios das opiniões e alvitres de certos cavalheiros prontos e desejosos de especular com a projectada manifestação, a assembleia resolveu que o partido se faria representar e tomaria parte nas homenagens a prestar ao chefe do estado e memória dos vencidos de 31 de Janeiro no caso de a Câmara Municipal tomar a iniciativa e direcção da manifestação, pois só a esta reconhecia esse direito, autoridade e competência, tratando-se duma festa de carácter cívico, onde seria lamentável a mais ligeira nota partidária.

Na hipótese de prováveis agressões, resolveu-se manter uma linha prudente e ordeira votando os arruaceiros ao mais solene e completo despeso.

A sessão, que esteve muito concorrida, terminou com vivo entusiasmo e vibrantes aclamações ao Partido Evolucionista, dr. António José de Almeida, venerando chefe do estado e outros vultos em destaque no partido.

### 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro

#### Duas datas históricas!

Dois dias memoráveis, duas páginas de sangue, nos nossos annais, sangue de heróis que jamais se apagará e sangue de infames assassinos que nunca será esquecido.

Se o primeiro sangue, o dos heróis do Pôrto, brilha com toda a fulgurância dos seus nobres intentos de resgatarem a Pátria para um melhor futuro, empana-lhe esse brilho o sangue da vitima dos seus successores, o malogrado Rei D. Carlos, e escurece-o de todo o dos infames assassinos que lhe tiraram a vida.

Dois datas históricas e duas datas de resultados negativos.

Em 31 de Janeiro morreram umas dezenas de homens sem que a sua morte a ninguém aproveitasse, nem à Pátria nem à Família portuguesa.

Em 1 de Fevereiro morreu um rei, essa morte trouxe-nos a república e com esta até hoje ainda ninguém lucrou, nem a Pátria nem o Povo.

## CORJA!!!...

O Trapo de quinta feira, num requinte de amabilidade, dessa amabilidade que costuma ter sempre para com todos aqueles que não seguem o seu caminho de desorientação e de ódios, atira-nos com a essência de que é formado —lama e veneno—, e chama-nos sujeitos adversários da república.

Adversários, nós! E sujeitos! Adversários porque dizemos aos homens que queremos uma república para todos os portugueses, uma república sem distincções entre vencedores e vencidos, entre heróis e cobardes, entre ricos e plebeus, entre crentes e descrentes!

Adversários porque acatando a república não acatamos, todavia, as doidas imposições de muitos dos seus falsos adeptos que tal se fizeram para, à custa do seu nome e das suas prerogativas, imparem de arrogância e de prosápia, de soberania e de superioridade autoritária!

Adversários nós! Corja!!!... Mas somo-lo, lá no entender do Trapo.

E somos sujeitos adversários porque já dizia o tacho à certã: *tira-te para lá não me enfarrusques* e um dito muito popular: *chamá-lho antes que to chamem*.

Somo-lo porque sempre aconselhámos o povo honesto e honrado a desviar-se de certos grandes amigos da república, não vão elles salpicá-los com a lama e o veneno de que são feitos.

Somos o que fomos e seremos o que somos.

Adversários? Sujos? O que o Trapo quizer porque já dizia o tacho à certã: *tira-te para lá não me enfarrusques* e o tal dito popular: *chamá-lho antes que to chamem*.

## O carnaval em Guimarães

### Grande cortejo carnavalesco

Um grupo de académicos, desejando que o carnaval não passe despercebido em Guimarães, resolveram realizar grandes festejos para o dia de terça-feira, sendo o principal numero, um deslumbrante cortejo carnavalesco onde figurarão alguns carros alegóricos.

Dentre elles se destacarão os seguintes:

O carro da moda.  
O carro do soberano dos soberanos.

O carro do progresso da velha Araduca,

e outros de engraçado efeito. Jogar-se há com entusiasmo serpentinas, etc., durante o cortejo que percorrerá diversas vezes as principais ruas da cidade.

Oportunamente se publicará um programa dos grandes festejos carnavalescos.

## DOS JORNAIS

### Capital:

«A eleição de Poincaré, sob o ponto de vista nacional, tem uma alta importância: é a república laicizadora, pacifista, que morreu.» E três linhas abaixo:—As congregações já voltam a assentar arraiais e fala-se em fazer as pazes com Roma.»

Que tal?! Enquanto aqui, em Portugal, se pregam coices e mais coices na religião católica, na Igreja, seguida e amada pela quasi totalidade da nação, lá, em França, estende-se lhe mão amiga e dá-se lhe o osculo da paz! Porque se não copia esta medida

salutaríssima, hoje com entusiasmo acolhida pela velha e florescente república francesa, como se copiou a nefasta e revoltante Lei da Separação?

### A Nação:

«Dizem-nos que a tal greve marítima tem, com efeito, dado água pela barba ao grande homem de Estado e que, entre elle e os dirigentes grevistas se teem trocado as mais furibundas ameaças, falando-se dum lado em porões de navios e em deportação, e, do outro, na possibilidade de novos Buiças.»

E' singular a resposta destes grevistas às ameaças do governo: —o presidente a apontar-lhes os esporões dos navios, caso não se acomodem; elles a carregarem as escopetas, coarctando-lhes s. ex. a liberdade de acção! Quanto vale hoje ser-se avançado! Fôsse um católico, um monárquico, um pobre diabo qualquer dar esta resposta ou idêntica, e veria, como em acto continuo, a sua habitação passava a ser uma cadeia ou a penitenciária!... Era unanimemente considerado inimigo perniciosíssimo das instituições vigentes, e... ninguém lhe valia... Estes bocadinhos, só em Portugal e... na Turquia. Já a mesma China fica a perder de vista...

### Diário de Noticias:

«Amo as artes, a sciência e a música. Era um artista e um músico, por isso gostava da harmonia, ordem e sossego, tudo dentro da lei; por isso não servirei de alavanca para represálias.»

Que diabo! não servirá de alavanca, concordamos; mas s. ex. o novato governador civil de Santarém, pode muito bem, e ninguém o duvida, servir de batuta na deliciosíssima charanga parlamentar... Experimente, caro senhor, experimente... Até deve ficar de cara à banda o sr. Nónes da Mata...

### O Trapo:

#### «Que há?»

Não sabemos ainda o programma, ou os seus detalhes, da Festa da Árvore nesta cidade e concelho. Este facto não quer dizer, todavia, que o professorado official, organizado em comissão para levar a efeito entre nós essa empolgante e affectiva manifestação, cedesse de desânimo perante quaisquer aparências de desinteresse a que estão por vezes sujeitas as ideias dum largo alcance e significação, como esta por exemplo. Não. Assim escreveríamos nós, sem descontentarmos a gramática e maltratarmos a ortografia que, desde um decreto do provisório que nós com prazer acatámos, impera. Mas o colega, sapientíssimo, cá da casa, escreveu assim: — «Não sabemos ainda o programma, ou seus detalhes, da Festa da Arvore nesta cidade e concelho. Este facto não quer dizer, todavia, que o professorado official, organizado em comissão para levar a efeito entre nós essa empolgante e affectiva manifestação, cedesse de desânimo perante quaisquer aparências de desinteresse a que estão por vezes sujeitas as ideias de um largo alcance e significação, como esta, por exemplo. Não.»

Confrontem os entendidos um naco com outro, e digam-nos se nos não assiste razão quando aconselhamos o inconfundível jornalista a partir o aparo e a despejar o tinteiro... Compreendemos que escapem gatos apesar de muito cuidado com as provas; connosco, por vezes, tem isso acontecido. Mas tantos em tam poucas linhas e alguns do cali-

bre quaisquer... custa-nos a crer que sejam apenas da culpa do revisor; a não ser que o revisor seja o próprio autor...

Por falta de espaço não se publicaram diversos artigos que temos em nosso poder.

## Éditos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartório do escrivão abaixo assinado, correm éditos de 30 dias que se começarão a contar depois da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados José Gomes Cardoso ou José Gomes de Carvalho, solteiro, maior, Joaquina Gomes Cardoso ou Joaquina Gomes de Carvalho, também solteira e maior, e D. Maria Amélia de Castro Carvalho, viuva, como representante de sua filha menor impubere Maria, todos ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventário orfanológico a que se procede por óbito de seu pai e sogro José Francisco Gomes, viuvo e morador que foi no lugar do Paço, freguesia de Vermil, desta mesma comarca, isto sem prejuizo do regular andamento do aludido inventário.

Guimarães, 18 de Janeiro de 1913.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Manuel António P. de Rezende.

O escrivão do 5.º officio,

Eduardo Pires de Lima.

## Afinador e reparador de pianos e órgãos

Quem pretender destes serviços pode dirigir-se a Mário Augusto, professor official em Barrosas (perto das Caldas de Vizela). Economia.

Quem não se satisfizer com os seus serviços não lhe paga e será indemnizado de qualquer prejuizo sofrido.

## Éditos de 45 dias

(2.ª publicação)

Pela 2.ª vara do tribunal do comércio do Pôrto e cartório do escrivão José Lúcio da Costa Ribeiro, a requerimento da autora Gaspar Carmo & Irmão, firma comercial, por si e como cessionária de Elísio Pereira do Vale & Filho, António José Ribeiro, Manuel Alves Soares e Viriato Pinto de Abreu, correm éditos de quarenta e cinco dias contados da data da publicação do respectivo anúncio no Diário do Governo, a citar Adriano Mendes Esteves Guimarães, comerciante, morador que foi na freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, e actual-

mente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para que venha à segunda audiência de expediente do dito tribunal, posterior ao prazo dos éditos, falar a todos os termos duma acção ordinária em que a autora o demanda, bem como a sua mulher, pela quantia de 549\$785 réis, proveniente de fazendas que a mesma autora e aqueles cessantes lhe venderam e bem assim pelas custas e procuradoria, sob pena de não comparecendo na audiência em que tem de ser acusada a citação ser havido por citado e marcado o prazo de três audiências para contestar, querendo, correndo a acção á revelia.

As audiências no dito tribunal, estabelecido no edificio da Bolsa, á rua Ferreira Borges, da cidade do Pôrto, fazem-se pelas 11 horas de todas as segundas e quintas-feiras ou nos dias immediatos pelas mesmas horas quando aquêles forem feriados.

Guimarães, 18 de Janeiro de 1913.

O escrivão do comércio,

João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.

P. de Rezende.

## Éditos de 30 dias

(2.ª Publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartório do escrivão abaixo assinado, correm éditos de trinta dias, que se começarão a contar da última publicação deste anúncio, citando o interessado Manuel Pereira Cardoso, casado com Carolina Pereira, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, para, sem prejuizo de seu andamento, assistir a todos os termos de inventário de menores a que se procede por falecimento de seu sogro José de Carvalho, morador que foi no lugar da Igreja, freguesia de Lordelo, da dita comarca, e em que é inventariante Joaquina Pereira, filha do falecido, moradora no mesmo lugar e freguesia.

Guimarães, 25 de Outubro de 1912.

O escrivão do 6.º officio,

João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.

P. de Rezende.

## COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães — **PIMENTA & C.ª**

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

## ATENÇÃO!

Só na **Sapataria Académica** á Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

## Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 **APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES**. Envia-se o programa a quem o pedir á direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico  
Luís Gonzaga Pereira.

## FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.

Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL  
COM  
**FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO**  
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER  
QUE VÃO DIRECTAMENTE  
DAS  
FABRICAS AO COMPRADOR  
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER  
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM  
JÁ NAS  
MACHINAS  
PARA COSER

**SINGER**

MAIS  
APERFEIÇOAMENTOS  
NEM  
MECANISMO  
MAIS  
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.  
MAXIMA DURAÇÃO.  
MINIMO ESFORÇO  
NO TRABALHO. —

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

## O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	1\$200 rs.
Ano. . . . .	600 "
Semestre . . . . .	1\$300 "
Pelo correio . . . . .	650 "
Ano. . . . .	400 "
Semestre . . . . .	1\$800 "
Estados U. do Brazil (ano)	2\$400 "
Países da União Postal . . . . .	30 "
Número avulso . . . . .	

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um . . . . .	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra  
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesa

GUIMARÃES

## O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

N.º 34

Ex.º Sr.